A simplicidade revela-nos o que é importante.
Faz a distinção entre o principal e o acessório.
Deixa-se encantar com a beleza de tudo.
E faz de um sorriso o maior tesouro do mundo.

Mas no presépio de Belém está presente, acima de tudo, a ternura.
A ternura de um Deus que é misericórdia
e que veio ao nosso encontro para nos revelar horizontes novos de vida
e tornar possível o caminho que lá conduz.

Não veio só para mostrar a grandeza do Amor que nos tem.
Nem sequer apenas para nos fazer companhia.
Veio para nos levar com Ele para outras margens,
aquelas que nos hão-de encher da alegria indizível que não passa
e com que o nosso coração sonhará sempre!

É certo que, como diz o poeta, às vezes "*viver sempre também cansa*"…
O que acontece quando os nossos olhos se fecham,
se tornam incapazes de descobrir a surpresa e o inesperado da vida,
acham que "*tudo é igual, mecânico e exacto*", e se desencantam:
"*Ainda por cima os homens são homens.*
Soluçam, bebem, riem e digerem
sem imaginação"

Natal é a certeza de que, mesmo assim, "*enquanto há vida, há esperança*".
E há uma cana de pé, mesmo "*fendida*", e uma "*torcida que ainda fumega*".

Pe Luís Alberto

Eco de Fátima

ANO C . III SÉRIE . Nº 331

NATAL DO SENHOR

25 de Dezembro de 2015

SÍNODO LISBOA 2016

Natal

Natal é sinónimo de mistério que nos escapa.
A nossa inteligência não consegue abarcá-lo.
Porque Deus e Homem são, por definição, dois conceitos opostos:
Deus é Aquele que é completamente outro, o totalmente diferente de nós!

O cristianismo é a única religião que tem a ousadia de afirmar
que em Jesus, um homem concreto, Deus, Ele mesmo,
Se apresentou na história.

Não podemos pretender tornar lógico e compreensível
o que é, em si mesmo, impensável e inimaginável para a mente humana.
Mas podemos afirmar esta fé como uma realidade que se nos impõe.
E, embora apologeticamente, quase poderíamos afirmar
que a nossa fé tem na sua aparente falta de razoabilidade
mais uma razão para a sua credibilidade:
é tão inimaginável que não podia ser inventada!

O Natal diz-nos que Deus assume a nossa condição humana.
Plenamente.
E por isso se faz Menino.
Frágil como todos os meninos.

A fragilidade faz parte de nós.
Tal como a necessidade absoluta da relação.
E andam ambas de mão dada.
A fragilidade é condição essencial para a verdadeira relação.
E a relação gera a consciência da fragilidade, da dependência sã do outro.

A força e a energia natural com que todos nascemos
faz com que muitas vezes nos sintamos capazes de tudo,
sobretudo quando somos mais novos,

Propriedade e Redacção Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Contacto: 217928300 - paroquiafatima.lisboa@gmail.com

mesmo que nos saibamos limitados, quando pensamos nisso.
Daí que muitas vezes vivamos como se não fôssemos limitados e frágeis,
normalmente com a ilusão de que estamos a percorrer caminhos de vida,
quando, na realidade, estamos muitas vezes a comprometê-la...

É que onde não há fragilidade não há espaço para a verdadeira relação.
Há lugar para a soberba, para o orgulho,
para o egoísmo centrado em si próprio,
para uma relação assente no domínio sobre o outro...,
mas não pode haver lugar para o amor.

Porque o Amor é feito de entrega, de dom de si mesmo,
de vivermos centrados no outro,
de buscarmos sempre e acima de tudo o bem do outro!

O verdadeiro Amor exige que nos coloquemos diante do outro
como quem está diante de um igual, diante de uma liberdade como a nossa,
como alguém que é "*carne da minha carne e osso dos meus ossos*".

E então, quando o outro é Deus, tudo ganha outra dimensão.
Porque já não estamos a falar apenas de um igual a nós,
mas de Alguém que nos transcende infinitamente.
E isso torna ainda mais ridícula qualquer tentativa de controle,
de instrumentalização e redução do outro (neste caso, Deus)
às nossas categorias mentais e à nossa maneira de ser,
como se fôssemos senhores e detentores da Verdade,
como se só nós possuíssemos o único e legítimo critério
para aferir o Bem e o Mal.

Sem reconhecermos a nossa fragilidade,
o mesmo é dizer, sem percebermos e aceitarmos a falta que Deus nos faz
e sem desejarmos acolhê-l'O,
não há condições para que Deus,
este Deus que nos ama tanto que não pode passar sem nós,
possa vir habitar em nós,.

Para Jesus Menino ser frágil foi sinónimo de dependência:
Sem Maria e José Jesus não teria sobrevivido.
Para Jesus, ser frágil significou, por isso, aceitar não ser autossuficiente.
O que também quis dizer aceitar não ser senhor de si próprio.

Para nós fragilidade também começa por significar dependência.
Porque a fragilidade não é só o reconhecimento dos nossos limites e das nossas incapacidades.

A fragilidade é sobretudo o reconhecimento da nossa dependência mútua.
É perceber e aceitar que não somos ninguém sem o outro.
Qualquer outro, seja ele quem for.
E, por maioria de razão, o próprio Deus.

Sem relação não somos ninguém .
E não podemos estabelecer limites à relação.
Não podemos vivê-la só com uns e não com todos:
não podemos escolher alguns e deixar outros de fora.
Estaríamos a truncar a relação e a desfigurá-la completamente,
destruindo-a no essencial do que ela é em si mesma.

A relação é uma atitude, é uma maneira de ser e de estar:
ou se vive com inteireza, ou não se vive de todo!

É na fragilidade que Deus mais se identifica connosco.
Ao mesmo tempo que nos revela a verdade da relação
e o caminho que a ela conduz.
É isso mesmo que aquele Menino nos vai dizer mais tarde:
"*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*".

Aquele Menino, depois de crescido,
vai viver em plenitude todas as dimensões da fragilidade
que já estão presentes no seu nascimento.

Nasceu pobre, numa gruta que servia eventualmente de estábulo,
porque "*não havia lugar para eles na hospedaria*".
E mais tarde vai dizer de si próprio
que "*não tem onde reclinar a cabeça*".
Não por um acaso infeliz e inevitável da vida, mas por opção:
E é esta mesma escolha de pobreza
que Ele vai impor como condição a todos os que O quiserem seguir:
Vai, vende tudo o que tens,
dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu.
Depois, vem e segue-Me".

Mas não foi só a pobreza que marcou presença no presépio de Belém:
foi também a simplicidade.
A simplicidade é a capacidade de tornar grande o que é pequeno,
ou melhor, de descobrir a grandeza escondida na pequenez.
A simplicidade ajuda-nos a perceber que tudo é grande,
tão grande que não precisa de ser enfeitado
ou maquilhado ao nosso jeito.